

Willian Souza Piovesani^{1,2}, Priscila Porto Alegre Ferreira (orient.)¹

1. Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (FZB), Jardim Botânico de Porto Alegre, Seção de Coleções; 2. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); willianpiovesani@hotmail.com; priscila.poaf@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Trepadeiras são plantas que germinam no solo, mantém ligação com este durante todo seu ciclo de vida e cujo crescimento em altura depende da sustentação mecânica fornecida por outras plantas (Gentry 1991). São fundamentais na dinâmica de muitos ecossistemas devido à expressiva representatividade específica e abundância, principalmente em zonas tropicais (Gentry 1991, Schnitzer & Bongers 2002). O hábito trepador está presente em pelo menos metade das famílias de plantas vasculares e aparentemente evoluiu independentemente em vários táxons (Putz 1984), isso inclui as Monilófitas (e.g., Lygodiaceae), as Gimnospermas (e.g., Ephedraceae), as Magnólídeas (e.g., Aristolochiaceae), as Monocotiledôneas (e.g., Poaceae) e as Eudicotiledôneas (e.g., Apocynaceae).

Estudos com essa sinúsia são escassos em regiões subtropicais/temperadas, apesar de terem aumentado nos últimos anos. Trabalhos recentes contribuíram muito para o conhecimento da diversidade de trepadeiras na Região Sul do Brasil, evidenciando 430 espécies ocorrentes no Rio Grande do Sul (Durigon *et al.* 2014). Trepadeiras diferenciam-se quanto ao hábito, podendo ser herbáceo ou lenhoso (Gentry 1991), e quanto ao mecanismo de ascensão, podendo apresentar alguma parte volúvel, gavinhas de origens diversas, raízes adesivas para fixação, ou serem apoiantes sobre um suporte (Hegarty 1991).

O objetivo deste trabalho é identificar todas as plantas de hábito trepador nativas do Jardim Botânico de Porto Alegre e classificá-las quanto ao hábito e o modo de ascensão, buscando-se contribuir com o conhecimento da flora da região.

MATERIAL E MÉTODOS

O Jardim Botânico de Porto Alegre (30°03'S, 51°10'W) ocupa uma área de 36 ha no bairro de mesmo nome. Apresenta em sua estrutura áreas plantadas onde se encontram as coleções do arboreto e os canteiros ajardinados, e áreas de vegetação natural, formada por espécies nativas ou espontâneas, incluindo uma zona de conservação *in situ* da vegetação dos morros graníticos de Porto Alegre. São realizadas expedições de coleta desde janeiro de 2017, buscando coletar indivíduos em fase reprodutiva. As amostras coletadas são identificadas, herborizadas e serão incluídas no herbário HAS. Os exemplares foram classificados até o nível específico quando da presença de estruturas reprodutivas e de acordo com o seu mecanismo de ascensão.

RESULTADOS PRELIMINARES E DISCUSSÃO

Até o presente momento, foram registradas 45 espécies de trepadeiras nativas do Jardim Botânico de Porto Alegre, distribuídas em 18 famílias, sendo as mais representativas: Apocynaceae e Convolvulaceae (6 espécies cada) e Passifloraceae (5 espécies) (Figura 1). Quanto ao mecanismo de ascensão, tem-se 22 espécies com alguma porção volúvel, 17 com gavinhas e seis apoiantes. As espécies volúveis representam cerca de metade (49%) do total amostrado. Foram encontradas espécies em bordas e interior de mata, banhados e campos abertos (Figura 2). Convolvulaceae e Fabaceae foram encontradas muito comumente em bordas de mata e campos, enquanto Apocynaceae e Bignoniaceae são comuns em borda e interior de mata.

A importância desse levantamento se baseia no fato de que o Jardim Botânico é uma das poucas áreas verdes em Porto Alegre e que, embora pequena, abriga mais de 10% das espécies de trepadeiras citadas para o Rio Grande do Sul. Faz-se necessário continuar as coletas, principalmente na primavera. Além disso, pretende-se classificar as espécies quanto ao hábito (herbáceo ou lenhoso) e delimitar subáreas para determinar sua ocorrência, a fim de subsidiar futuros estudos e planos de manejo na área.

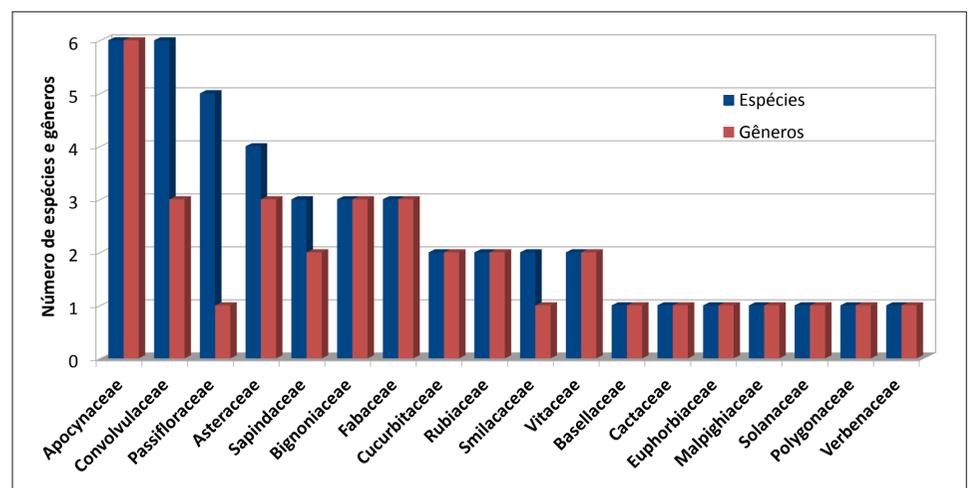


Figura 1. Representatividade das famílias e gêneros de trepadeiras.

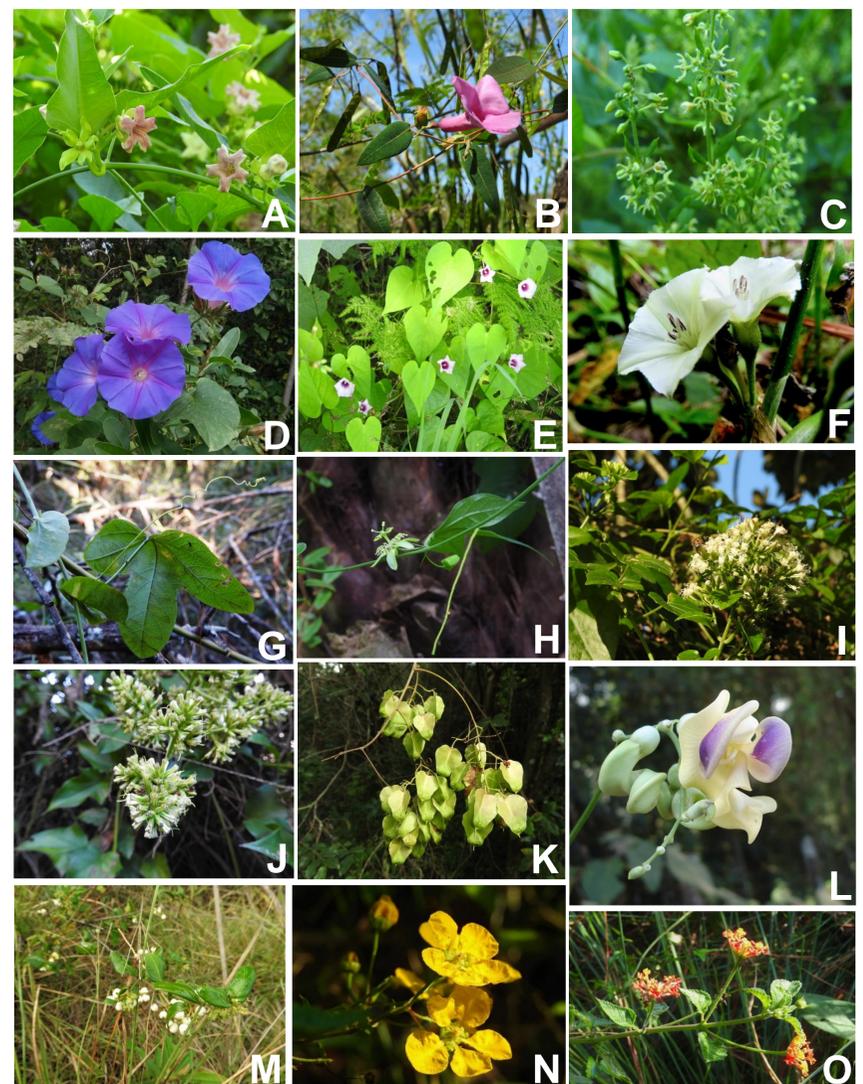


Figura 2. A. *Araujia sericifera* Brot.; B. *Rhabdadenia madida* (Vell.) Miers; C. *Ditassa burchellii* Hook. & Arn.; D. *Ipomoea indica* (Burm.) Merr.; E. *Ipomoea triloba* L.; F. *Convolvulus crenatifolius* Ruiz & Pav.; G. *Passiflora tenuifolia* Killip; H. *Passiflora suberosa* subsp. *litoralis* (Kunth) Port.-Utl. ex M.A.M. Azevedo *et al.*; I. *Mikania micranta* Kunth; J. *Mikania glomerata* Spreng.; K. *Serjania hebecarpa* Benth.; L. *Leptospron adenanthum* (G. Mey.) A. Delgado; M. *Chiococca alba* (L.) Hitchc.; N. *Janusia guaranitica* (A.St.-Hil.) A.Juss.; O. *Lantana camara* L.

REFERÊNCIAS

- Durigon, J.; Ferreira, P.P.A.; Seger, G.D.S.; Miotto, S.T.S. 2014. Trepadeiras na Região Sul do Brasil. In: B.L.P. Villagra; M.M.R.F. de Melo; S.R. Neto & L.M. Barbosa (Org.). **Diversidade e conservação de trepadeiras: contribuição para a restauração de ecossistemas brasileiros**. 1ed. São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. pp. 84-112.
- Gentry, A.H. 1991. The distribution and evolution of climbing plants. In: F.E. Putz & H.A. Mooney (eds.). **The Biology of Vines**. Cambridge University Press, Cambridge, pp. 3-49.
- Hegarty, E. E. 1991. Vine-host interactions. In: Putz, F. E. & Mooney, H. A. (eds.). **The Biology of Vines**. Cambridge University Press, Cambridge, pp. 357-375.
- Putz, F. E. 1984. The natural history of lianas on Barro Colorado Island, Panama. **Ecology** 65(6): 1713-1724.
- Schnitzer, S.A. & Bongers, F. 2002. The ecology of lianas and their role in forests. **Trends in Ecology & Evolution** 17: 223-230.